

CIÊNCIA E COMPREENSÃO EXISTENCIAL OU O CAMINHO DO CENTRO

Leonel Correia Pinto

Ciência é um saber racional, tecnológico, teórico e prático; é um saber efetivo sobre as coisas; um saber agressivo ou dominador, mais do que um saber afetivo, acolhedor ou humano. A Compreensão, porque visa o dentro (essência) das coisas, não pode deixar de ser um saber afetivo, antes que prático; vivencial, antes que teórico; senhor de si, antes que dominador do mundo. A Compreensão é um saber total, envolvendo todos os poderes e todas as determinações da existência. Além do poder intelectual ou a razão de conhecer, considera a razão de sentir, e a razão de agir.

Nossa cultura ocidental não desenvolveu um saber unitário da razão-CSA. Aplicou-se mais à lógica teórica ou dos conceitos, e à lógica prática ou dos serviços (know how). A razão de sentir, a despeito das investigações de uma ciência "psicológica", foi posta de lado da construção científica do mundo. tomou-se a sensibilidade ou a emoção, como algo suspeito, estranho e incômodo, devendo ser neutralizada, em se tratando de questões científicas. Era como se todas as derivações da sensibilidade proviessem da linhagem animal, constituindo-se, portanto, como elementos irracionais, sem lugar na construção da Verdade. Desta maneira, a essência do agir humano se deturpou. As questões e os problemas humanos fundamentais deixaram de ser considerados pela ciência. As coisas mais valorizadas da existência passaram a ser os produtos mate-

riais da Tecnologia, apresentados para consumo, a lavados preços e para regalo dos economicamente ricos. O homem passou a agir, como que esquecido do seu "Ser".

O filósofo Heidegger discorrendo "Sobre o Humanismo" (1947)¹ denunciou esse fato:

"De há muito que ainda não se pensa, com bastante decisão, a Essência do agir. Sô se conhece o agir como a produção de um efeito, cuja efetividade se avalia por sua utilidade. A Essência do agir, no entanto, está em consumir. Consumir quer dizer: conduzir uma coisa ao sumo, à plenitude de sua essência... Por isso, em sentido próprio, sô pode ser consumado o que já é. Ora, o que é, antes de tudo, é o Ser" (op.cit.p.23/24).

Em vez de consumir, o homem ocidental idealizou o consumir. A sabedoria oriental, por outro lado, aplicou-se durante séculos - e antes de ter grandes recursos materiais - a difundir o espírito humano, a vida como um todo, na perspectiva do Ser. Nem por isso se atrasou tanto, economicamente, pois, excetuando alguns poucos países onde o nível de vida é tido por satisfatório, a grande maioria tem que lutar pelo pão de cada dia. Em nossa cultura, muitos hoje, vão beber na fonte a filosofia oriental, para buscarem respostas aos problemas existenciais: da vida, da paz, da Essência humana, do destino ou da História, e do agir cotidiano.

Como pôde acontecer, com uma ciência voltada exclusivamente para os bens materiais e, certamente, com a tecnologia capaz de produzir abundantemente esses bens da sobrevivência - como pôde acontecer que a maior parte da humanidade careça do pão material e da cultura básica? Onde a razão se perdeu no caminho evolutivo? Onde os Humanismos falharam, e que vislumbre temos de solução?

Ninguém pode esperar, neste ensaio, a resposta que, em mil anos, a Humanidade não conseguiu dar. Aqui se pretende apenas subsidiar a grande respos-

ta: que a humanidade tem que dar àquelas interrogantes. Talvez o Esquema-1 ajude a compreender o que se passou na história do desenvolvimento da ciência.

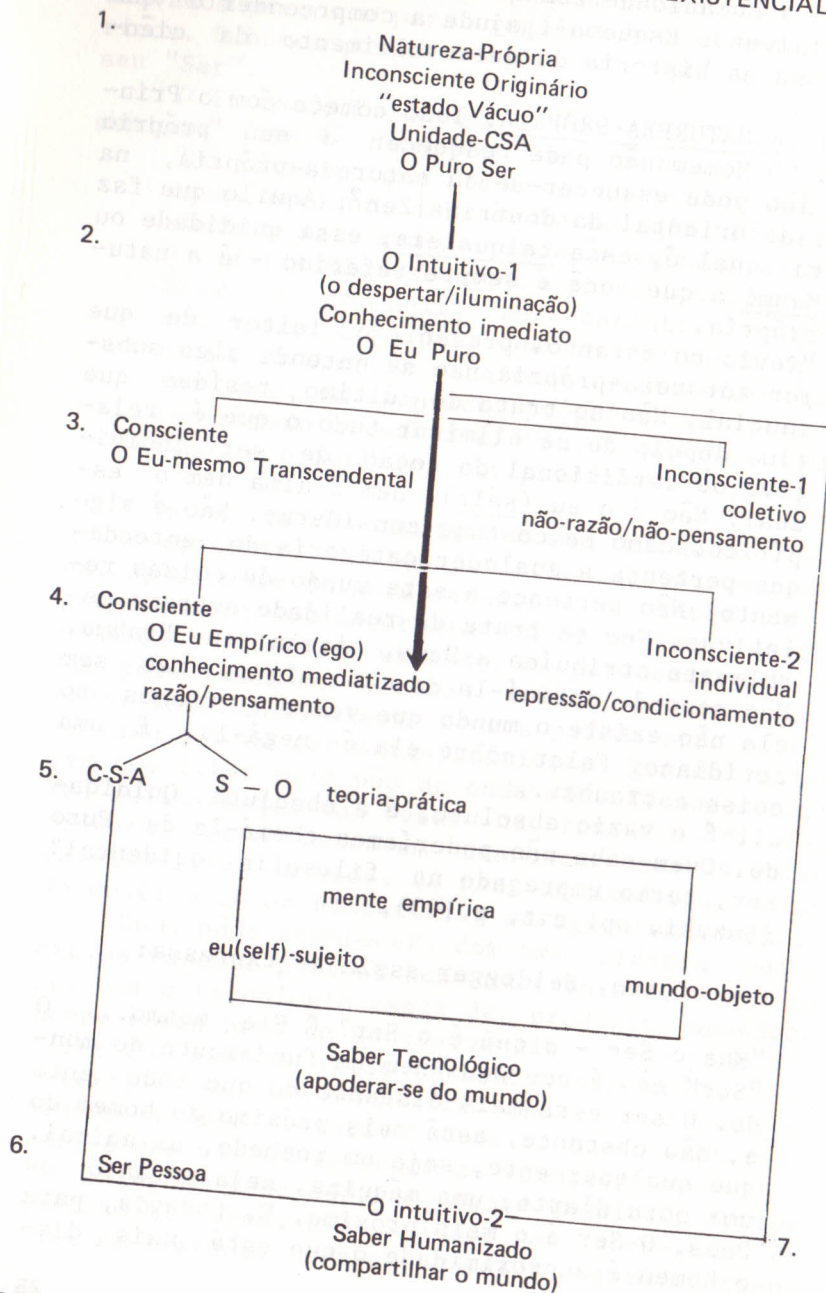
1. A NATUREZA-PRÓPRIA. Tudo começa com o Princípio: "O Homem não pode esquecer o seu próprio Ser". Não pode esquecer-se da natureza-própria, na expressão oriental da doutrina Zen². Aquilo que faz você tal qual é, essa talqualeza, essa quiddidade ou mesmo a que você é sempre referido - é a natureza-própria.

"Devo, no entanto, prevenir o leitor de que por natureza-própria não se entende algo substancial. Não se trata do último resíduo que fica depois de se eliminar tudo o que é relativo ou condicional da noção de ser individual. Não é o eu (self), nem a alma nem o espírito, como se costuma considerar. Não é algo que pertença a qualquer categoria do entendimento. Não pertence a este mundo de coisas relativas. Nem se trata da realidade suprema geralmente atribuída a Deus, Átman ou Brahma. Não se pode defini-la de modo algum, mas sem ela não existe o mundo que vemos e usamos no cotidiano. Falar sobre ela é negá-la. É uma coisa estranha...
... É o vazio absoluto; é a absoluta Quiddidade. Quem sabe não poderíamos chamá-la de Puro Ser, termo empregado na filosofia ocidental? (Suzuki, op. cit. p.103).

Com efeito, Heidegger assim se expressa:

"Mas o Ser - o que é o Ser? É Ele mesmo... O "Ser" não é nem Deus nem um fundamento do mundo. O ser está mais distante do que todo ente e, não obstante, está mais próximo do homem do que qualquer ente, seja um rochedo, um animal, uma obra d'arte, uma máquina, seja um anjo ou Deus. O Ser é o mais próximo. E, todavia, para o homem é a proximidade o que está mais dis-

ESQUEMA – 1: CIÊNCIA E COMPREENSÃO EXISTENCIAL



tante. Em primeira aproximação, o homem se atém sempre, e somente, ao ente... O esquecimento da Verdade do Ser em favor da avalanche do ente... é o sentido da "decadência"... Ora, o Ser não é o ente... Talvez o é só possa ser dito de maneira adequada do Ser, de sorte que, em sentido próprio, nenhum ente é... O Ser se dá... (Heidegger. op.cit. p. 51-57).

A natureza-própria indefinível, sobre a qual não se pode falar sem negá-la, essa mesmidade sem cuja presença/ausência não se reconheceria o mundo é o Puro Ser, o Ser sem quaisquer atributos, o Vazio absoluto, o Nada ou o Rêcipe que designa a feitura de todas as coisas. A natureza-própria não é qualquer ente, mas é possibilidade.

Não se trata de fantasia ou mera abstração falaciosa. Os pesquisadores da física quântica falam de um "estado vácuo" na natureza, subjacente a quaisquer mudanças, por mínimas que sejam. É um estado de excitação mínima da energia e de máxima possibilidade de alguma ocorrência. Deste estado profundo, quieto e silencioso onde a dialética ainda não vige, aparecem, como vagas do mar sem fim, todas as múltiplas expressões da energia, todas as ações e interações da natureza (C. Transcendental Meditation, by Jack Forem, A Bantam Book, USA, 1976, p.32).

A psicologia fisiológica e psicoterápica reconhece e aceita este "estado vazio", como um "potencial de repouso". Quando alguém diz que quer encontrar a si mesmo, ele faz alusão a este espaço, ou a este "estado mental" de profundidade, onde a energia pode assumir qualquer forma ou qualquer dinâmica. Nenhuma "cura" psicoterápica se daria, sem referência a esta energia livre, parada, inativa mas potencial, capaz de projetar-se em múltiplos sentidos.

O sono é a maneira vulgar de tomar contato com esse "estado vazio". A Meditação Transcendental

(ultrapassando as camadas de superfície, via interior) é a maneira sábia de unir consciente-inconsciente.

Os termos "vazio" e "nada" podem desorientar. O estado vazio, como se vê, não é tão vazio assim. E o nada não é negação de tudo, ou de qualquer coisa. Pelo contrário, o Nada é (para Heidegger) "a possibilitação de revelação do Ser ao ser-ai". Como essa revelação acontece e como, do Vazio, os entes possíveis passam a situados - isso ainda permanece obscuro para todos os cientistas.

O que parece é que, se no "estado vazio" não há coisas, há certamente, parâmetros, leis ou princípios essenciais iniludíveis.

Onde mora o Ser? A psicoterapia, a comunicação humana, a ciência... tudo se faz pela palavra, pela linguagem.

"O homem não é apenas um ser vivo, que, entre outras faculdades, possui também a linguagem. Muito mais do que isso. A linguagem é a casa do Ser. Nela morando o homem ec-siste na medida em que pertence à Verdade do Ser, protegendo-a e guardando-a" (Heidegger, op. cit. p. 55).

O analista linguístico Chomsky "afirma que demonstrou ser possível analisar a estrutura de superfície de diferentes línguas humanas e mostrou que todas contêm uma estrutura profunda basicamente idêntica, a qual pode ser transformada em estrutura de superfície através do que ele chamou de gramática generativa" (Cf. Steven Rose, o cérebro consciente, S.P. Editora Alfa-Omega, 1984, p. 187).

Esta gramática generativa, diga-se de passagem, é inteiramente dominada pelas crianças entre os três e quatro anos de idade. E isto se aplica também aos surdos-mudos de nascença. A conclusão é que as investigações parecem apontar para um ponto: existe no cérebro humano uma parte intrínseca à mente (de profundidade) e outra de interação (de

superfície). A linguagem, pois, ou diz a Verdade do Ser, ou diz a mentira dos entes, dos grupos ou das sociedades.

A sociologia também reconhece que as sociedades não se transformam facilmente, nem em todo e qualquer sentido que os grupos desejem. As mudanças ou transformações radicais supõem, sempre, um longo processo.

O grande sociólogo Georges Gurvitch (1894-1966), após ter analisado a evolução da Dialética, de Platão a Marx e Jean Paul Sartre, estuda um pouco a dialética entre a sociologia e a história, acabando por afirmar que:

"a maior parte dos autores se deixaram cair na armadilha. Confundindo realidade histórica e saber histórico, identificando erradamente o caráter prometaico da primeira com um progresso em direção a um ideal... A realidade histórica é afinal a parte prometaica da realidade social (sublinhados do texto original); ela se opõe à outra parte desta realidade que o não é, ou o não é senão num grau bastante fraco... (Dialética e Sociologia, 2ª ed. p. 317/318).

Aqui também o sociólogo alude a um estado de profundidade (parte prometaica, inelutável, que simplesmente faz acontecer); e a um terreno de superfície, uma parte da realidade mais flexível, moldável ou transformável.

Em vez das expressões: estrutura de profundidade, estado vazio, Nada, Vazio, estado potencial ou de repouso - poderíamos denominar a natureza-própria como o Inconsciente Originário. O originário é "inconsciente", claro que do nosso ponto de vista. (De outro ponto de vista poderia ser, por exemplo, a supra-consciência). Raríssimas pessoas se dão conta a esta profundidade e, se o fizerem, jamais poderão se dar conta da absolutidade do Puro Ser.

Este primeiro nível, o grande espaço vazio que só aguarda tempo para acontecer, é onde tudo parece

igual a tudo, é a Unidade Fundamental do conhecer, sentir e agir (CSA)³.

2. O INTUITIVO - 1. Dando a palavra, agora, a Suzuki (op.cit. p.104):

"Nessa natureza-própria há um movimento, um despertar, e então o Inconsciente torna-se consciente de si mesmo. Não cabe aqui perguntar "por que" e "como". O despertar, o movimento, ou seja qual for o nome que se lhe dê, deve ser tomado como um fato que escapa à reflexão. A campanha toca e eu escuto as vibrações da maneira como elas se transmitem pelo ar. Este é um simples fato de percepção. Do mesmo modo, a ascensão da consciência no Inconsciente é uma questão de experiência. Não há mistério nisso; mas, do ponto de vista da lógica, há uma contradição aparente que, uma vez começada, segue contradizendo-se a si mesma num movimento que não tem fim. Seja como for, temos agora um Inconsciente que é consciente de si mesmo - ou uma Mente auto-refletora..."

É aqui que aparece o Eu, não ainda como consciência separada, de fora ou de dentro, e, muito menos como consciência crítica; mas Eu, como o Intuitivo-Primário, o conhecimento imediato, direto, sem qualquer meio ou método que o force. O despertar ou a iluminação original é gratuita, é dádica, encontro, ou graça.

Nenhuma metodologia, nenhuma ioga, nenhum conjunto de procedimentos didáticos são assás adequados para eliciá-la, produzi-la. É como a inspiração, o lampejo que atravessa o espaço mental, num tempo imprevisto. Não há nada a fazer, senão aguardar confiante, sabendo que sua natureza é assim. E permanecer em contato, no repouso, apenas ec-sistindo, no cotidiano. É como a Mente do recém-nascido, que até no choro (não no sorriso!),

expressa sua Unidade-CSA, inconsciente/intuitivamente. (Já todos sabemos, hoje em dia, que o choro ingênuo da criança é, ao mesmo tempo, uma linguagem, expressão afetiva, e um instigador de modificações ambientais).

Cada ente humano, ao nascer, como é reflexo e mecânico, é também intuitivo. Sabe, pelo simples fato de ser (ou ter) a natureza-própria. A percepção do recém-nascido ainda é uma "percepção afetiva" (Cf. René Spitz, O desenvolvimento Emocional do Recém-Nascido). Percepção afetiva quer dizer: ligada à atividade interior. A percepção que diz respeito às coisas exteriores, tal como a temos no adulto, somente se manifestará no terceiro mês de existência, ao tempo que também aparecerá o sorriso social e a organização do Ego.

O Intuitivo Primário é o despertar da consciência no Inconsciente Originário, tornando possível o conhecimento imediato, ou a raiz da percepção. Estes dois pontos não têm tido grande desenvolvimento nas mentes, e nem vêm descritos frequentemente nos livros de psicologia ou outra ciência do ocidente, por serem tidos por transcendentais (que de fato são), assuntos de filosofia, sem interesse para a vida prática, como dizem.

Aqui já começamos a nos perder. Tratamos as crianças, como se nascessem em branco (tabula rasa), sem nada em sua Mente. Desprezamos, convencionalmente, o Intuitivo, o conhecer unitário-CSA-imediato, que toda criança é. E forçamos a organização do Ego, como se fosse imprescindível, com violência ao Eu Originário.

3. CONSCIENTE-INCONSCIENTE. 1. O Intuitivo Primário evoluiu em duplo sentido: no sentido do Consciente e no sentido do Inconsciente Coletivo, os arquétipos da raça humana, descobertos por Jung.⁴

"São os arquétipos que designam vias determinadas para toda atividade da imaginação e, desse modo, produzem estranhos paralelos mitológicos nos fantasmas dos sonhos infantis, bem

como nas alucinações da esquizofrenia, que também são encontrados, se bem que em menor grau, nos sonhos das pessoas normais e/ou neuróticas. Não se trata, portanto, de representações herdadas, mas de possibilidades herdadas de representações. Não são heranças individuais, mas essencialmente heranças universais, como se pode deduzir da presença absolutamente geral dos arquétipos". (op. cit. p.78/79).

Neste nível, podemos chamar Mente (com M maiúsculo) ao duplice funcionamento Consciente/Inconsciente-1. O intuitivo abriu-se em dois núcleos, como uma polaridade, em que os elementos são distintos e ambos necessários para seu funcionamento.

O Inconsciente Coletivo é não-razão, não-pensamento. Como atrás Jung esclareceu: são "possibilidades herdadas de representações". O Intuitivo que se esgalhou na direção do Inconsciente-1 é tão universal quanto o Intuitivo que tomou a direção oposta, para o Consciente. Ambos fazem parte do mesmo processo, que é a consciência do homem: um processo que sabe de si e sabe do mundo.

A consciência, neste plano, continua a operar por intuição, que se manifesta nos diversos campos da vida cotidiana. É por intuição que se ama alguém... ou se é religioso... ou se é político. (Quando for por outras razões, os desastres vão ser grandes!).

Por intuição se procede em situações duvidosas. E por intuição se colhe alguma lição do sofrimento, ou da morte. Por intuição ainda a gente se comunica, e é por intuição que se aprendem as significações. Sentindo, pode a consciência despertar, às vezes, e às vezes, obscurecer. Agindo, pode advir a iluminação, mas, em outras vezes, somente repousando. O sonho pode ser instrutivo, como a palavra dum mestre, ou de alguém que expõe a sua experiência. E também pode ser instrutivo o gesto, uma

atitude percebida, ou um símbolo que se encaixa na minha intenção.

Neste plano, o Eu consciente-inconsciente age por inteiro, por consonância, de modo lúdico, sem tensões excessivas, sem conflitos graves ou rachaduras profundas. O conhecimento é ainda predominantemente imediato e em ligações com o próprio Ser que se é.

4. CONSCIENTE-INCONSCIENTE.2 - No passo subsequente da evolução - por destino ou algum mau jeito cultural - o Consciente tornou-se, com exclusividade de razão ou pensamento. É o "penso logo existo" tomado como puro conhecimento. E o inconsciente secundário ou individual, como foi por Freud descoberto, organizou-se através de repressões, recalques, complexos Idéias envoltas em cargas afetivas), e condicionamentos negativos de toda sorte.

Aqui se deu a rachadura maior (confira no Esquema a seta onde alarga para baixo). Rompeu-se o processo bipolar, em núcleos separados: as idéias/conhecimento, que deviam levar a uma ação consequentemente, de um lado; e as idéias/afeto negativo, de outro lado, motivando a uma ação reativa, inconsequente. Aqui se perdeu o paraíso. Aqui iniciou a "dialética do conflito". Partiu-se a Unidade básica CSA. O intuitivo se confundiu. Só podemos falar aqui de mente (com m minúsculo).

O Ego individual não podendo confiar na iluminação do inconsciente reprimido, lançou mão de estratégias, de métodos ou artifícios para firmar seu conhecimento sobre o mundo. Este é o conhecimento mediato, o conhecimento científico, através de meios de investigação, ou de critérios.

A esta altura dá para ver a correspondência dos pontos 1 a 4 deste Esquema, com a proposta do Eu constitutivo, na fenomenologia husserleana, e para o qual Szilasi² nos chama a atenção. O Eu é triplex (como um apartamento de três andares). Diz Szilasi:

Para compreender o propósito fenomenológico global... é preciso aprender a ver que, no Eu - enquanto fenômeno central - podem considerar-se três estratos: o Eu Empírico, que é o pólo das experiências cotidianas, naturais; o Eu (Mesmo) Transcendental, cujas ações tornam compreensíveis os processos empíricos da experiência; e o Eu Puro, em cujo domínio de possibilidades, a subjetividade fica a descoberto... e assim se torna compreensível sua efetuação... Não são três Eus: são três estratos distintos... Não é o clássico sujeito-objeto (S-O), mas um pólo- "Eu" e um pólo - "coisa". Deste modo, na expressão de Husserl: "entre as Ciências Empíricas objetivas, temos agora também uma Ciência da Subjetividade - mas da subjetividade objetiva - da subjetividade correspondente ao mundo".

(Tradução esta, livre e resumida, da página 84 da obra citada de Szilasi).

Quando escutamos os filósofos falar da consciência, a impressão é a de que continuam se referindo a ela, exclusivamente como razão, ou ego consciente. Ao contrário disso, o Esquema fenomenológico da Compreensão Existencial mostra o consciente sempre ligado ao inconsciente: o originário evolutivo, o inconsciente coletivo universal, ou o inconsciente histórico individual. A consciência está, deste modo, sempre relacionada, "engajada", numa condição de processo autofecundante (da pessoa) e atuante no mundo: físico e social.

5. RUPTURA C-S-A/S-O. Em consequência do caminho que tomou a evolução-cultural, o Eu integrado-CSA, o Intuitivo Primário foi cada vez mais ficando esquecido. A razão de conhecer voltou-se para a vida como se ela fosse um objeto material. O Eu, antes integrado, cidiu-se em sujeito e objeto (S-O), um sujeito que conhece, que vivência e que julga agir como lhe apraz - e um objeto a ser co-

hecido, a ser possuído, utilizado, dominado. Esta é a mente empírica atuando sobre o mundo objetivo. A mente empírica corresponde um sujeito (self), um Ego individual ou ser egótico, descrito por Martin Buber em sua obra "eu e tu".

O conhecimento, isolado da intuição sensível, perdeu seu poder transformador da prática. A teoria tornou-se palavrório e, portanto, queda, ou perda de tempo. A "prática transformadora" ou, melhor dizendo ao modo Heideggeriano, a prática consumadora (que leva os entes à sua plenitude) tornou-se manipulação estéril, ou trabalho alheado e dirigido para saciar os produtos do saber tecnológico. A Verdade do Ser, que o pensamento e a linguagem deveriam manifestar e garantir para o Homem, virou teoria do sujeito que se viu, de repente, face às coisas de um mundo objetificado.

Do ponto de vista social as consequências se amontoaram. O saber tecnológico, distorcido em sua Essência, ficou limitado à construção e posse dos objetos. Por cúmulo, esse saber ou poder sobre as coisas apoderou-se do mundo, usurpando o poder social, com a compra, pelos ricos, do "saber fazer" (know how).

De súbito, todo o mundo se virou e viu que "o rei estava nu". O Homem tinha sido logrado. Esquecida da sua natureza-própria, a mente empírica não leva a lugar nenhum. A ciência que exhibe tecnologia, não tem compaixão pela parte carente da humanidade. A religião, que tem compaixão mas não tinha o poder político, viu-se obrigada a esquecer, em parte, sua pureza doutrinária e abraçar com mais força as causas materiais da população indefesa.

Hoje, os que apenas crêem no paraíso material e os que crêem que o "Seu Reino não é deste mundo" deram-se as mãos, aparentemente, pela mesma causa objetiva: pão e conforto para os deserdados. O mé-todo é a "luta de classes", cruenta ou incruenta, a ver se, ao menos assim, algum dia se chegará a fazer o "milagre da multiplicação dos pães".

Voltará o homem, por este caminho, a ligar-se em sua natureza-própria? Mesmo a luta de classes adjetivada de pacífica tem uma conotação mais triunfal, justiceira, constrangedora, do que propriamente a conotação de exigência do amor fraterno! Dito de outro modo: cristãos e marxistas não se sentem irmãos existencialmente, mas soldados numa campanha eventual, arregimentados pelo fracasso socio-econômico, à sombra da mesma bandeira.

Que doutrina poderia nos re-unir deveras, se nela meditássemos? Talvez a atitude radical (no sentido da volta às raízes, ao originário, à Essência do humano, ao Inconsciente tornado Intuitivo, ao Puro Ser que (como já foi dito) não é nem Deus nem um fundamento do mundo: apenas é a natureza-própria.

6. O SER-PESSOA. O homem racional, se quiser agora prosseguir em sua evolução, terá de dar vez ao crescimento da Pessoa⁵. O ser-Pessoa é o ser integrado em seu conhecer, sentir e agir.

Voltemos ao Esquema.1. O plano 4 mostra como o consciente se tornou mediatizado pelo pensamento, pelos conceitos, pelas teorias que fizeram do mundo uma feira de "objetos". Não adianta dizer "ah! se a ciência não tivesse partido a realidade em sujeito-objeto, como tudo seria diferente hoje!" O fato deu-se e desembocamos num estado de "confusão múltipla" (se isto não é 'crise', como será a crise, na dialética?)... e agora estamos refluindo (o costume é dizer 're-pensando').

Este refluir deve ir até o ponto, onde nos sentimos separados no Intuitivo, por querermos apalpar o mundo com as mãos. Há um aspecto positivo nesta separação. Afinal, a chamada consciência "crítica" supõe sempre a separação de sujeito-a-sujeito (muitas vezes dorida) e a separação de sujeito-a-objeto. Além disso, a separação tornou possível o conhecimento mediatizado, sistemático, objetivo sobre aquela parte do mundo, dita exterior. Não há nada errado que as coisas tenham dois

lados (exterior e interior), se a pessoa sabe disso... e não esquece. É como ter mão direita e mão esquerda. (Somente que, no corpo social, a "luta de classes" não admite direita, e aí só lhe resta elaborar teorias do conflito e praticá-las).

O Homem, como ser-situado, explorou a situação e se esqueceu de regressar a si mesmo, o Intuitivo Primeiro. Agora, para a volta, cada um precisa se encontrar, no seu ser próprio. A razão de conhecer e a razão de agir terão de articular-se com a razão de sentir. A consciência da cisão sujeito-objeto terá de ceder o passo à Compreensão-CSA.

O conhecimento científico nas Ciências Físicas é C-A, predominantemente, ao passo que, nas Ciências Humanas e Sociais é A-S⁶. A Pessoa sabe, olhando para si mesma, que C é distinto de A e cada qual é distinto de S. Apesar desta distinção, é possível ao cientista, como a qualquer outro homem, não perder de vista a Unidade e a função da Mente Intuitiva (Esquema 1, nível 3). Os espaços entre C-S-A terão de ser preenchidos pelos esforços de cada um. Este regresso à natureza-própria faz o Ser Pessoa.

7. O INTUITIVO-2 INTEGRADO. Reconduzindo os seus poderes separados C-S-A à Unidade CSA Fundamental, a Pessoa constitui, através da experiência acumulada, o intuitivo secundário. Uma Pessoa é sempre um Eu percebido em sua continuidade. Um conjunto de Pessoas é sempre uma Comunidade fraterna. O saber da Pessoa, porque retorna sempre da situação à sua natureza-própria, é um saber humanizado, que consiste essencialmente em compartilhar o mundo e a intimidade.

Pode-se chamar os egóticos de pessoas (com p minúsculo) de vez que, por mínimo que seja, têm potencial de humanização. Não obstante, somente são Pessoas aqueles que trabalham - num fluxo objetivo sobre o mundo exterior e num re-fluxo subjetivo sobre si mesmo, para a libertação de si e dos outros.

Esta é a experiência verdadeira (ligada à Verdade do Ser), que faz a sabedoria. A experiência "truncada", do tipo sujeito-objeto que faz o saber tecnológico, liga-se ao Ego, à mente empírica condicionada ou adaptada ao status social. A experiência verdadeira nunca dispensa o intuitivo. Todo aprendizado ou todo conhecimento, que desperta entre C-S-A, gera o intuitivo-2 (secundário) e este se liga ao Intuitivo-1 (Primário) e liga-se, portanto, à natureza-própria, ao Puro Ser que se é.

Lançando um último olhar sobre o Esquema-1 pode presentir-se o esforço que é preciso fazer para reconduzir a nós, em particular e à sociedade como um todo, a seu verdadeiro caminho. A mente individual repleta de moralismos, de teorias inócuas, de pensamentos ou conceitos aprendidos de cor... o inconsciente reprimido ou condicionado... terá que desaparecer. A libertação assim o exige. A mente empírica terá de ser re-formada e o saber tecnológico re-integrado no saber humanizado.

Este é um trabalho (uma "luta") no interior de cada sujeito e na inter-subjetividade. Esta, sem dúvida, é a estrutura profunda a ser considerada juntamente com as transformações de superfície (lutas pelo bem-estar, etc.) para evitar futuros desvios na evolução das sociedades.

CONCLUSÃO: O CENTRO

Se você tem um Centro, não precisa adaptar-se a nada. O Centro, onde todos são Um, é a natureza-própria. Aí, todos podem encontrar-se: pessoas, grupos, comunidades. Por que é tão difícil encontrar o caminho do Centro? Por que temos que nos dividir em esquerda ou direita? Não é mais provável, ou sensato, que "o radical" (a raiz) se encontro no Centro?

Outra vez, tentando unir ocidente a oriente, damos a palavra a Suzuki, que cita os mestres orientais:

"... todos os seres sensíveis têm uma só Mente... Essa Mente não tem começo, nunca nasceu e nunca morrerá; não é azul nem amarela; não tem forma nem feitio... não deve ser estimada velha ou nova; não é comprida nem curta, nem grande nem pequena; transcende todas as medidas, todos os nomes, todos os sinais de identificação e formas de contradição. É o absoluto 'Isto'; a vacilação de um pensamento deixa que ela escape imediatamente. É como o vácuo do espaço; sem fronteiras, inteiramente além do que se pode calcular.

Existe apenas essa Mente Única, que constitui... todos os seres sensíveis, sem demonstrar diferenças, senão que estão apegados à forma e procuram (a Mente) fora de si mesmos, Por isso, quanto mais procuram, mais longe vão perdê-la". (op. cit. p.108/109).

O caminho do centro é o caminho do Princípio: não esquecer o Ser, o Eu, a Pessoa que se é. Conscientizados disto, é preciso dar-se conta de que o Ego individual, sofrido, problemático, ansioso, ou revoltado é um resíduo da história pessoal. E que não é necessário. E que é viável desfazer-se dele. É suficiente o Eu Originário, a Mente, a Consciência e a Sombra, pois, luz e escuridão fazem parte do mesmo processo.

Não ficar tão apegado às suas idéias e usar a imaginação para trás e para diante, é um bom exercício para se chegar ao Centro. De outra forma isto se diz assim: praticar o auto-distanciamento e a transcendência⁷. Enquanto se permanece apegado à mente conceitual, o intuitivo é inatingível. É preciso ficar no que é.

PERGUNTA: como pode alguém permanecer no seu Ser e, ao mesmo tempo, praticar auto-distanciamento? Não há nisto contradição?

O auto-distanciamento, ou distanciamento de si, pode ser entendido de três modos: (1º) a separação do sujeito e objeto, raiz do pensamento 'crí-

tico' e do conhecimento mediatizado; (20) 'auto' ou 'si' pode referir-se ao Ego sobrevivente dos recalques e, como foi dito, é dispensável; (30) a psicologia fala do distanciamento, no modo da empatia, como quando você torce pelo outro. Todavia, a empatia profunda ocorre sempre que empatizante e empatizado se encontram na Mente comum. Afinal, você recorda que o Ser é o mais próximo e, simultaneamente, o mais distante. Por isso, o espaço aberto entre a razão de conhecer, a razão de sentir, e a razão de agir, tem que ser preenchido pelos esforços de cada um, como atrás ficou dito.

PERGUNTA-DOIS: como pode o Ser não ter forma e, ainda assim, ser percebido por nós que somos "apegados à forma"?

O Puro Ser é, nada tem. Pode, no entanto, assumir qualquer forma conveniente, e abandoná-la, se não convém. Nós somos fetichistas da forma: qualquer pequeno defeito corporal nos levaria, se pudéssemos, ao cirurgião plástico! A Mente flexível desprende-se da forma e, por isso, é criativa. São se desprendem das formas e são flexíveis os que integuem a possibilidade total, o Vazio, o Puro Ser.

PERGUNTA-TRÊS: isso, afinal de contas, não é idealismo? Não é mais simples admitir o materialismo dialético, que nos dá a impressão de sermos concretos e, ao mesmo tempo, indefinidamente transformáveis?

As transformações em crescimento são sempre relativas ao grande Todo, para não virarem um câncer. Dissemos, com Heidegger, que o Puro Ser não é Deus nem um fundamento do mundo. Com isto estamos além ou aquém dos conceitos de "idealismo/materialismo". Referimo-nos à natureza-própria, o que você é tal qual, você mesmo. Se alguém é isto ou aquilo, por que discutir? Por que não o deixar ser o que é, pois, somente sendo, ele se transformará!

Já o termo 'concreto' difere do termo 'material'. A palavra concreto vem do particípio passado

latino, do verbo concretere, que significa: crescer junto com, crescido comigo. Neste caso, o corpo material, que cresce com o espírito, não muda o real; ou ao contrário, a consciência espiritual, que 'cresce com' a substância dita matéria, também não muda o real.

Toda vez que se discutem estas coisas, a realidade recua, para trás ou para dentro do próprio "estado vazio", o nada, o vazio. E aí ficamos outra vez com iguais probabilidades para sermos idealistas ou materialistas. A opção é sua. A dialética, como movimento real, não precisa ser batizada de materialismo, ou idealismo. A dialética opera, funciona, vai em frente. Ela não explica "logicamente" o que acontece. Não é um princípio explicativo. Gurvitch, na obra citada, diz que a dialética apenas prepara alguma explicação.

Quanto ao sentir, os dialéticos afirmam que a sensibilidade vai com a ação prática. Como se o homem nascesse somente para o trabalho. É uma nova versão do "ganharás o pão ao suor do teu rosto". Como se não pudesse o homem degustar o lazer, ou enlevar-se na abstração cognoscitiva! Para poderem, sem absurdo, sustentar o materialismo, eles identificam (tudo igual a tudo) o trabalho manual, a pesquisa científica, o estudo teórico, toda atividade externa ou interna da mente - tudo é trabalho. É o período histórico do homo faber moderno, inaugurado por K. Marx. O trabalho tudo pode. Pode transformar as estruturas sociais, ou construir sputniks. À frente da matéria, pode fazer a história com suas próprias mãos: E pode decidir qual o tipo de verdade que deve vigorar, ou que sentimentos você pode expressar publicamente, ou qual seja o comportamento aceitável de um bom socialista.

Tudo isto se dá, porque os materialistas dialéticos têm horror ao idealismo, que apelidaram de atitude contemplativa. Como se eles fossem incapazes de contemplar. Eles preferem o pensamento "crítico". Ora, contemplar supõe observar, com enlevo, do ponto de vista do Ser, dando-lhe importância co-

mo absoluto. Criticar supõe observar, sem enlevo, do seu próprio ponto de vista, ou seja, contemplando a si mesmo, dando-se importância absoluta! Em última análise... é o horror a Deus e à crença de que o mundo possa ser obra Sua. "A religião é o ópio do povo"... a dialética materialista seria, no caso, seu antídoto, naturalmente, opiado.

Quanto a nós da "Ciência e Compreensão" voltamos a insistir que (a) o Inconsciente e o Intuitivo Originários, Puro Ser ou Puro Nada, pura possibilidade, energia ec-stática, in-ativa, imóvel ou potencial... não é Deus nem um fundamento, mas é a natureza-própria, é o ser do homem, do qual o homem não pode esquecer, sob pena de perder-se. (b) o homem alcança o seu Ser, pela consciência que, do jeito como sabe do mundo, sabe também de si, pois é puro intuitivo. (c) a dialética primeira que se estabelece é esta: entre as estruturas de profundidade (do Ser) e as estruturas de superfície do mundo das coisas. Nenhum outro movimento tem qualquer espessura, sem o ímpeto inicial.

PERGUNTA-QUATRO: tendo discorrido sobre o socialismo, marxista ou outro, vêm a propósito os problemas sociais, que os temos em grande quantidade. Qual a diferença entre estes e os problemas existenciais? Ambos envolvem a Pessoa humana, como numa teia. A relação é muito íntima, só comparável à relação entre o corpo e a consciência. Contudo, há uma distinção a fazer entre eles. Para começar, pode-se dizer que os problemas sociais também são problemas existenciais. Porém, há problemas existenciais, que a sociedade como tal não poderá solucionar.

Por exemplo: a vida e a morte, a dor ou o sofrimento, a angústia ou ansiedade, os problemas de solidão e do destino... São problemas do indivíduo perante si mesmo e a existência como um todo. O Estado e os grupos sociais pouco têm a fazer para isto. Legislar sobre estes problemas (de salvação ou de perdição, de saúde ou higidez mental, de felicidade ou não) seria inofensivo.

Onde e quando exista uma Comunidade de Pessoas, os problemas existenciais deverão, em muito, ser facilitados, nunca porém, poderão passar a ser responsabilidade do grupo, ou resolver-se por consenso. São os existenciais que, fundamentalmente, fazem de cada homem um ser social. Por isso, a busca de solução para os problemas sociais e econômicos terá de levar em conta, sempre, os existenciais, para que não sejam criadas novas formas de opressão.

PERGUNTA-FINAL: o transcendente, o Puro Ser é indescritível, não-falado, pela impossibilidade de se o dizer. Como, então, o conhecemos?

Como um ósculo, como a visão, ou como a arte? Gibson diz a respeito do campo visual (e você pode aplicar isto a todos os sentidos) que "o campo visual depende, em última análise, não de condições de estimulação, mas de condições de atitude" (apud E. H. Gombrich, arte e ilusão, S.P., Martins Fontes, 1986, p. 286).

De fato um beijo, por mais que se descreva, não é conhecido, como o conhecem os amantes... e uma paisagem "falada" não é a mesma paisagem da pintura! Assim o transcendente só é conhecido, na atitude intuitiva.

O Centro está em algum lugar. Se você o buscar fora, na periferia do social, ou nas estrelas do céu, você está fazendo um rodeio muito grande, com o risco de jamais encontrá-lo. Se você o buscar dentro, no fundo de sua intuição, nos sonhos noturnos, nos seus desejos e na sua ação diária... com tranquilidade, nas suas experiências autênticas (aquelas a que você se entrega cegamente)... você está no caminho certo.

- ¹ HEIDEGGER, Martin, *Über de Humanismus/ Sobre o Humanismo*, Suíça, Berna, Da Francke, 1947, traduzido por Emmanuel Carneiro Leão, Edições Tempo Brasileiro, 1967.
- ² Para conhecimento da filosofia Zen, a leitura recomendada é D. T. SUZUKI, *A Doutrina Zen da Não-Mente*, S. P., Editora Pensamento, 1969. Aliás Suzuki e Heidegger, representando aqui oriente e ocidente, sobre a questão do Ser, são os dois Autores obrigatórios para o aprofundamento das idéias expostas neste ensaio.
- ³ Para ampliar esta noção de Unidade-CSA, ler também de Pinto, L. C. "O Ensino Compreensivo e a Sociedade Fraterna" (no prelo); e de Leno Ribeiro, *As Sete Portas da Compreensão*, edição da Imprensa da UFC, 1986.
- ⁴ C. G. JUNG, *Les Racines de la Conscience*, Paris, Editions Buchet/Chastel, 1971.
- ⁵ Para discussão sobre "O que é uma Pessoa" o Autor clássico é Martin Buber. Mas confira também Pinto, L. C. *Educação e Modelo Psicopedagógico e Social do Desenvolvimento da Pessoa*, Imprensa Universitária, UFC, Coleção Documentos Universitários, n.º 19, 1985. Ou ainda, para os problemas existenciais, Cf. Pinto, "A Compreensão da Existência em Fernando Pessoa". *Revista de Letras. UFC*. Fortaleza, 9/10(2/1): jul./dez. — jan./jun. 1985/86.
- ⁶ Cf. sobre isto, Pinto, L. C. "A Questão do Método de Ensino" in *Avaliação Escolar: Problemas e Perspectivas*, Imprensa Universitária, UFC, Col. Doc. Univ. n.º 20, cap. 3, pp. 66-84.
- ⁷ Cf. Pinto, L. C. "Análise Intersubjetiva no Controle de Qualidade do Ensino-Aprendizagem". *Revista Educação em Debate*, Fortaleza, N.º 13 jan./jun. — 1987, pg. 1-10.
- ⁸ Cf. Pinto, L. C. "Arte, Desenvolvimento da Pessoa, Função Social" in *A Arte em Questão*, Imprensa UFC, (no prelo), 1986.